

# FOLHA OBS

Publicação do OAC  
Nº 1 Novembro 1999  
R. Garrett, 80, 1º C, 2ªA, 2ºC  
1200-204 Lisboa, Portugal  
telef.: 21 321 98 60 / 79 fax 21 342 96 97

A **Folha OBS** nº 1 abre uma nova linha de publicações para lá das outras duas já existentes no Observatório das Actividades Culturais – a Colecção OBS-Pesquisas e a mini-revista OBS.

A **Folha OBS** surge como um articulado de 6/8 páginas destinado a difundir material de trabalho que se espera poder ter alguma utilidade para quem esteja ligado ao sector da cultura, seja a nível político-administrativo, seja a nível da investigação e do ensino, seja como produtor cultural e artístico.

Ao longo das pesquisas que vão tendo lugar no Observatório é frequente acumular mais dados do que aqueles que a economia dos próprios projectos permite incorporar na apresentação dos respectivos resultados. A **Folha OBS** vem rentabilizar esses dados e disponibilizá-los para o exterior. Neste primeiro número, dois colaboradores do Observatório, Teresa Duarte Martinho e José Soares Neves, actualizaram e complementaram a informação da base de dados sobre festivais de música que tinha ficado «na gaveta» quando se realizou o estudo sobre *Políticas Culturais em Portugal* (ver nº 3 da Colecção OBS-Pesquisas) onde apenas se incluiu uma breve referência aos festivais.

Para além da referida base de dados, uma outra sobre o ensino artístico em Portugal informará a próxima **Folha OBS**.

**Maria de Lourdes Lima dos Santos**

(Presidente do Observatório das Actividades Culturais)

*Uma abordagem do domínio dos eventos considerados festivais de música, no que respeita a Portugal, permite observar um sector caracterizado por um significativo dinamismo, relativamente a várias dimensões. Com efeito, as décadas de oitenta e de noventa expressam, para além de uma evidente proliferação daquele tipo de eventos, determinados desenvolvimentos de que aqui se procura dar conta.*

*Assim, o aumento do número deste tipo de iniciativas apresenta-se como o traço evolutivo mais contínuo. A crescente diversificação dos géneros musicais a que se dedicam os festivais é outra das tendências verificadas, sobretudo desde a segunda metade dos anos oitenta. Deste modo, a par da música erudita, género dominante e dotado de maior longevidade no domínio em análise, assiste-se ao surgimento de festivais dedicados às músicas étnicas, jazz e rock.*

*Quanto à inscrição geográfica destes eventos, predominam as regiões Norte e Lisboa e Vale do Tejo, nas quais se destaca uma linha desenhada a litoral. A característica da diversidade manifesta-se ainda ao nível dos agentes promotores dos festivais de música, sobressaindo as associações num leque também composto por antarquias, empresas privadas e estabelecimentos de ensino.*

## Festivais de Música em Portugal

Teresa Duarte Martinho  
José Soares Neves

**1. Metodologia** O conjunto de festivais de música em que se baseia esta análise tem como fonte o concurso público anual que a tutela da Cultura estabeleceu, em 1997, no âmbito da criação de um Regulamento de Apoios à Actividade Musical de Carácter Profissional e de Iniciativa não Governamental. Quanto à designação ‘festivais de música’, cuja definição a fonte não explicita, refere-se a eventos de carácter plurianual, cujo programa é essencialmente integrado por concertos e recitais, realizados em diversos recintos. Importa acrescentar que enquanto o Despacho Normativo n.º 10/97 de 27 de Fevereiro – que enquadró os apoios atribuídos em 1997 e 1998 – refere a abertura de um concurso público “para selecção dos festivais de música”, apoiados pelo Estado, o documento que o revoga – Despacho Normativo n.º 61/98 de 1 de Setembro – estabelece que o concurso público anual visa seleccionar “festivais de música e ciclos de concertos”.

De assinalar que a informação disponível na fonte refere-se sobre-

tudo aos montantes dos apoios atribuídos aos eventos seleccionados, nos sucessivos concursos, à entidade promotora – permitindo, em alguns casos, reconhecer o respectivo estatuto: autarquia, associação, estabelecimento de ensino, etc. – e à data em que os festivais se realizam.

Posteriores contactos com as organizações dos festivais apreciados nos concursos referentes ao apoio concedido em 1997, 1998 e 1999 permitiram a recolha de elementos essenciais ao traçado do historial dos festivais, de modo a poder obter-se um recenseamento segmentado: data da primeira edição, género musical, localidade(s) abrangida(s).

O conjunto de informações apuradas permitiu estruturar a análise em três momentos principais – assinalados nos mapas –, os quais agregam os dados de acordo com uma lógica cumulativa. Assim, 1985 abrange os eventos surgidos antes daquela data e/ou naquele ano; 1990 integra o grupo anterior e os festivais que tiveram início no intervalo 1986-1990; 1999 compreende os grupos precedentes e os eventos cuja primeira edição teve lugar entre 1991 e 1999.

Os contactos estabelecidos com as organizações dos sessenta e cinco eventos avaliados pelos júris dos três concursos conduziram, ainda, ao apuramento de seis candidaturas na situação de projectos não concretizados e de uma candidatura configurando um caso não aplicável. Excluídas tais situações, o conjunto indicado pela fonte, no triénio 1997-1999, integra cinquenta e oito eventos considerados festivais de música.

No que se relaciona especificamente com a classificação dos festivais por género musical, de acordo com as informações posteriormente recolhidas, tendo em conta que a fonte não definiu tal correspondência, distinguiram-se as seguintes categorias: música erudita; música jazz;

música étnica; música rock; outra (esta incluindo festivais sem género específico ou eventos multidisciplinares).

## 2. Uma perspectiva evolutiva: os festivais de 1985 a 1999

**Número, localização e género musical** A perspectiva da evolução dos festivais em Portugal torna-se mais perceptível ao analisar-se o panorama em três momentos diferenciados: 1985, 1990 e 1999 (ver mapas). Deste retrato faseado retira-se principalmente a impressão de um universo em expansão, no sentido da quantidade de eventos e da diversidade de géneros a que se dedicam.

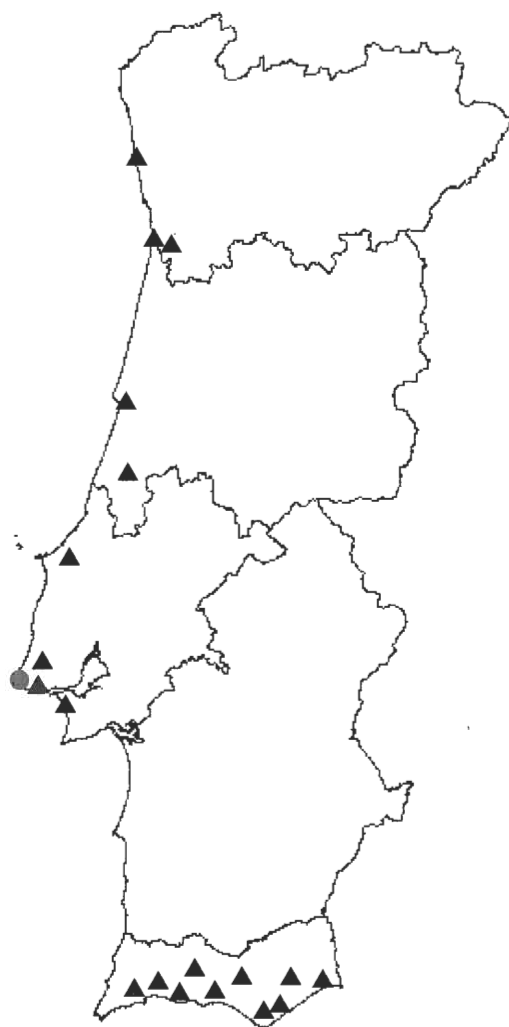
Em meados dos anos oitenta, encontra-se um grupo de onze festivais, dez de música erudita – festivais de Sintra, do Algarve, da Costa do Estoril, de Paços de Brandão, dos Capuchos, de Óbidos, de Leiria, de Espinho, da Póvoa do Varzim, da Figueira da Foz – e um de música jazz – Jazz Num Dia de Verão. Relativamente à sua inscrição geográfica, os onze formam, no conjunto, uma linha ao longo do litoral, sublinhada nas regiões Lisboa e Vale do Tejo, com o número maior de festivais, e Norte. No que se refere ao Algarve, detecta-se já o que parece constituir um traço especialmente característico da região quanto à amplitude geográfica dos eventos que nela têm lugar. Assim, o Festival de Música do Algarve distribui-se por loca-

lidades situadas tanto a barlavento como a sotavento.

Cinco anos decorridos, em 1990, depara-se um cenário contendo novos matizes. Mais do que em quantidade, a expansão traduziu-se em diversidade, já que se descortinam três festivais de música étnica: Intercéltico (localizado no Porto), Cantigas do Maio (realizado em Setúbal, nesta fase) e Encontros Musicais da Tradição Europeia, este com a particularidade de agregar localidades situadas em quatro diferentes regiões do nosso país, duas das quais – Alentejo e Centro – manifestando anterior ausência deste tipo de eventos.

A diversidade continua a revelar-se no intervalo temporal que se segue, referente a 1991-1999. É nesta fase

Festivais de Música (1985)

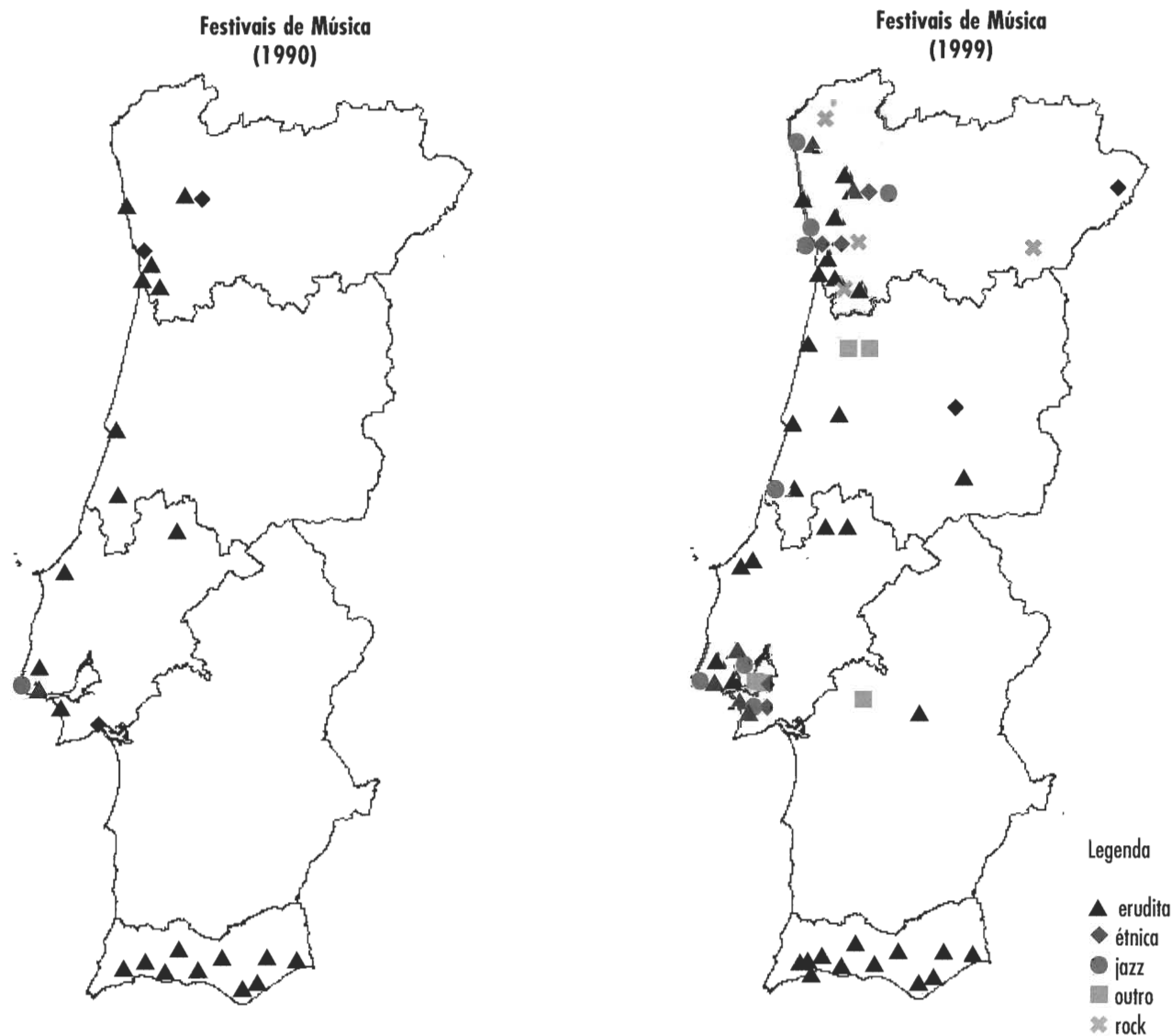


que surgem seis dos sete festivais de jazz recenseados, todos contribuindo para o reforço da afirmação da linha a litoral acima vista (Viana do Castelo, Matosinhos, Porto, Guimarães, Marinha Grande, Seixal). O género rock faz a sua aparição, com quatro eventos – Noites ‘Ritual’ Rock (Porto), Rock Feira (Santa Maria da Feira), Festival de Música de Paredes de Coura e Festival de Carviçais (Torre de Moncorvo). Quanto à música erudita, a que detém maior longevidade no campo em análise, continua a apresentar o número mais alto de novas iniciativas, mantendo-se a tendência para a localização no litoral, exceptuando os casos do Festival Internacional de Música de Castelo Branco e do

Festival de Música Évora Clássica. Ainda no que respeita à localização dos festivais na fase 1990-1999, nota-se que os novos eventos tendem a inscrever-se em zonas e localidades dotadas de uma tradição de realização de festivais. Relativamente a zonas, a ilustração mais significativa reside porventura no conjunto de festivais concentrados em redor do Porto (sobressaindo aí, por sua vez, o concelho de Santa Maria da Feira, com três eventos). No que se refere a localidades, Seixal e Guimarães – cada uma com dois festivais de música – servem de exemplos. De notar que a região Norte ultrapassa, em número de eventos surgidos, a de Lisboa e Vale do Tejo, invertendo-se as posições que ocupavam em 1985.

No interior do intervalo 1990-1999, destacam-se os anos de 1992, 1994, 1997, 1998 e 1999. Com efeito, se nesta década se observa o surgimento de trinta e três novos festivais, os anos citados constituem aqueles que apresentam maior número de registos.

Um balanço centrado no ano de 1999 – sendo importante notar que os festivais considerados nos intervalos anteriores, apesar de alguns terem conhecido interregnos, continuam a realizar-se – permite o levantamento das seguintes linhas. Em relação ao género musical, cerca de metade dos festivais centra-se na música erudita, enquanto a outra parte se distribui pela música étnica, música jazz, música rock e outra.



Quanto à sua inscrição geográfica, é na região Norte que a maior parte dos festivais decorre, seguindo-se Lisboa e Vale do Tejo – as duas somando cerca de dois terços do total considerado – e a região Centro.

**A época dos festivais** Nas estações da Primavera e, principalmente, do Verão decorrem cerca de dois terços dos festivais, cujo calendário converge assim numa época tradicionalmente mais propícia ao turismo e às actividades de lazer, por um lado, e à conversão de determinados espaços abertos em recintos de apresentação de recitais ou de concertos, por outro. É ainda durante a Primavera e o Verão que maior número de festivais de música erudita, étnica e rock têm lugar, enquanto no que se refere ao jazz os eventos tendem a repartir-se entre o Outono, a Primavera e o Verão. Se bem que o tempo em que um festival de música “era pouco mais do que um condimento para o cartaz turístico da época balnear”<sup>21</sup> possa não encontrar plena correspondência na actualidade da maior parte dos festivais, convém não perder de vista a permanência da dimensão turística entre o leque de factores que animam estes eventos. Sobre-tudo no que se refere à música erudita, detectam-se, aliás, ressonâncias de um tipo de turismo que confere aos aspectos patrimoniais particular importância. Veja-se, designadamente, o seguinte extracto de uma apresentação do Festival de Música de Sintra: “a escolha criteriosa dos intérpretes, aliada aos locais de rara beleza onde decorrem os concertos, que vão da monumentalidade dos nossos palácios ao cenário único das nossas quintas, são razões para que o *Sintra Festival*, ainda que especialmente destinado aos munícipes de Sintra, aqui atraia muitos nacionais e estrangeiros”<sup>22</sup>. Também o festival Encontros da Primavera, em Guimarães, por exemplo, coloca entre os seus objectivos – embora num lugar não

prioritário – a valorização e a dinamização do “centro histórico e outros espaços monumentais da cidade”<sup>23</sup>.

**Os agentes promotores** A diversidade de entidades promotoras de festivais de música é outro dos traços que caracteriza este domínio. Em 1999, a figura predominante é a das associações, seguindo-se, em segundo lugar, as autarquias e as empresas privadas, e, em terceiro, os estabelecimentos de ensino e outras entidades. Se bem que a informação apurada não faça referência ao modo como se articulam os diferentes agentes, é de supor a existência de eventuais sistemas de várias parcerias entre eles.

Em relação às autarquias, o papel de promotor poderá ainda, de algum modo, agregar o de financiador, sobretudo sendo conhecida a forte participação financeira que algumas autarquias manifestam nos festivais de música, a qual, no âmbito de uma primeira aproximação exploratória, não foi ainda possível quantificar. Neste sentido, repare-se como em 1997 a tutela se referia favoravelmente ao “cruzamento crescente de recursos entre o Poder Central e as autarquias e entre entidades públicas e mecenas privados, daí resultando uma rede de Festivais regionais que vem conquistando um lugar de destaque no panorama concertístico europeu e constitui, ao mesmo tempo, um importante factor de desenvolvimento sócio-cultural, turístico e económico”<sup>24</sup>.

A atribuição de apoio a eventos como os festivais de música por parte da Administração Local insere-se numa tendência manifestada pelos municípios, na última década, no que respeita a um mais expressivo investimento no domínio da cultura, em geral, e à maneira como se processa o apoio ao sector da música, em particular. Existem indicadores de que a evolução da despesa das autarquias em música,

tendo como período de referência o intervalo 1986-1995, “beneficiou, a partir de 1988, os ‘Espectáculos musicais’”<sup>25</sup>, faltando saber se os festivais de música estão integrados nesta categoria (uma informação que valeria a pena poder estar disponível futuramente).

Finalmente, note-se como na definição programática de alguns festivais se esboça a ligação entre autarquias e estabelecimentos de ensino, ou entre as primeiras e as associações culturais e desportivas. Num ou noutro caso, é possível ler uma espécie de relação de cooperação, a qual – estabelecida em nome de um idêntico fim: a valorização e a afirmação das localidades em que se situam no contexto regional e/ou nacional – pode beneficiar, em termos de visibilidade e prestígio, a posição ocupada pelas diferentes entidades nos campos específicos em que se inserem.

### **3. Apoio da tutela da cultura no último triénio (1997-1999)**

A luz da informação relativa ao apoio atribuído pela tutela da Cultura a estes eventos em 1997, 1998 e 1999 – no âmbito do concurso especificamente instituído com tal finalidade, em 1997<sup>6</sup> – é possível detectar sinais afirmativos da tendência para um crescente dinamismo, inicialmente apontada. Deste modo, ao observar-se o movimento das candidaturas/ eventos concorrentes nos três concursos públicos até agora realizados (ver Quadro 1), a característica mais abrangente parece ser a do crescimento.

Importa assinalar, para além do aumento do número de candidaturas apresentadas ao júri, o alargar do número de candidaturas seleccionadas. Tal crescimento, relativamente ao período 1998-1999, decorre em paralelo com alterações operadas na legislação que enquadra o mencionado concurso. Assim, este passa a referir-se a “festivais de música e ciclos de concertos”, em

vez de somente “festivais de música”, como figurava na legislação de 1997 que regulou os apoios concedidos nesse ano e em 1998 (fica, no entanto, a dúvida se está em causa um alargamento de conteúdo da categoria ou uma melhor explicitação).

Quanto aos montantes dos apoios concedidos (ver Quadro 2), é de referir o crescimento em ritmo regular que se observa na categoria ‘Música erudita’, a qual agrega a parcela mais larga dos festivais que se realizam em Portugal. Aliás, esta categoria contempla eventos já anteriormente apoiados pela tutela, através da Secretaria de Estado da Cultura (SEC), de acordo com algumas fontes oficiais<sup>7</sup>. Encontram-se nesta situação, nomeadamente, os Festivais de Música de Sintra, da Costa do Estoril, de Óbidos, de Leiria, dos Capuchos, de Passos de Brandão, de Coimbra e Encontros da Primavera (Estoril Jazz - Jazz Num Dia de Verão era, então, o único festival que se inseria na categoria ‘Música jazz’). Tal continuidade de apoios poderá encontrar fundamento, ao nível do enquadramento legislativo, em documentos definidores de normas reguladoras da atribuição de “incentivos financeiros aos promotores (...) de programas de concertos ou ciclos de concertos”, em que se explicita fazer parte do papel do Estado o “reconhecimento e reforço da multiplicidade de iniciativas de divulgação da *música erudita*”<sup>8</sup> [sublinhado nosso]. Já em relação à categoria “Música jazz”, o sentido em que se processa a evolução dos apoios é diverso. Note-se, aliás, que o decréscimo verificado entre 1997 e 1998, ao qual se segue uma estabilização, coincide com o facto de um dos quatro festivais apoiados em 1997 não ter sido apoiado nos anos seguintes – embora tenha participado no concurso referente a 1999. A finalizar, e a propósito dos resultados da primeira edição

**Quadro 1**  
Processamento das candidaturas apresentadas em concurso público para atribuição de apoio a festivais de música

Candidaturas	1997	1998	1999
Apresentadas ao júri	57	43	71
Consideradas para efeitos de selecção	25	34	55
Selecionadas para atribuição de apoio	18	24	33

Fonte: Instituto Português das Artes do Espectáculo (IPAE).

**Quadro 2**  
Apoio atribuído aos festivais de música seleccionados no concurso público criado pela tutela, por género de música

Festivais	1997	1998	1999	Total
Música erudita	63 500	73 500	88 000	225 000
Música jazz	18 000	13 000	13 000	44 000
Música étnica	7 500	8 500	8 000	24 000
Total	89 000	95 000	109 000	293 000

Fonte: Instituto Português das Artes do Espectáculo (IPAE).  
Nota: Os montantes dos apoios referem-se a contos, a preços correntes.

daquele concurso, repare-se no facto de a nova tutela sublinhar que o jazz “foi pela primeira vez incluído neste sistema (o do apoio aos festivais) em plano de igualdade com a música erudita”<sup>9</sup>.

## Notas

<sup>1</sup> Inês Nãdais, “Músicas com passado e futuro”, *Público*, 26.6.1999, p. 26. Este artigo assinala os vinte e cinco anos do Festival de Música de Espinho, cuja primeira edição se realizou em 1964.

<sup>2</sup> *Música 1997. Ópera. Festivais. Orquestras. Edições Discográficas*, (suplemento editado pelo Ministério da Cultura, integrado nas edições dos jornais *Público* (13 de Julho de 1997) e *Jornal de Letras* (16 de Julho de 1997) p. 12.

<sup>3</sup> Veja-se texto informativo facultado pela associação Convívio, organizadora do evento.

<sup>4</sup> Rui Vieira Nery (então Secretário de Estado da Cultura) in *Música 1997. Ópera. Festivais. Orquestras. Edições Discográficas*.

<sup>5</sup> In Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.) et al., *As Políticas*

*Culturais em Portugal*, Lisboa, OAC, colecção OBS Pesquisas n.º 3, 1998, p. 157.

<sup>6</sup> Ao Instituto Português das Artes do Espectáculo (IPAE) coube a recepção dos projectos candidatos bem como o acompanhamento da sua avaliação e da aplicação dos apoios concedidos.

Aproveita-se o ensejo para agradecer a este Instituto a colaboração prestada no sentido de facultar o acesso à sua informação.

<sup>7</sup> Ver *Subsídios Atribuídos Por Domínios. 1992-1994* (Secretaria de Estado da Cultura/Direcção-Geral de Espectáculos, s/d); *Boletins Estatísticos*, n.ºs 2 e 4 (Direcção-Geral dos Espectáculos, s/d); *Cultura. Relatório de Actividades, 1986-1987* (Secretaria de Estado da Cultura/Direcção-Geral dos Serviços de Gestão e Organização/Gabinete de Planeamento).

<sup>8</sup> Despacho Normativo n.º 121/92 de 14 de Julho.

<sup>9</sup> Rui Vieira Nery, in *Música 1997. Ópera. Festivais. Orquestras. Edições Discográficas*.

## Consultar

*Subsídios Atribuídos Por Domínios. 1992-1994* (Secretaria de Estado da Cultura/ Direcção-Geral dos Espectáculos, s/d.)

*Boletim de Estatísticas*, nº 2, Abril a Junho 1994, e nº 4, Outubro a Dezembro 1994,

*Cultura. Relatório de Actividades, 1986-1987* (Secretaria de Estado da Cultura/ Direcção-Geral dos Serviços de Gestão e Organização/ Gabinete de Planeamento).

*Música 1997. Ópera. Festivais. Orquestras. Edições Discográficas* (suplemento editado pelo Ministério da Cultura, integrado nas edições dos jornais *Público* (13 de Julho de 1997) e *Jornal de Letras* (16 de Julho de 1997).

*Guia das Artes do Espectáculo. Teatro, Dança & Música. 1999* (Cassefaz/ Instituto Português das Artes do Espectáculo/Ministério da Cultura). Em suporte de papel, apresenta as "principais orientações teóricas, de conceptualização e de enquadramento, da actividade de produção de espectáculos de teatro, de dança e de música" referentes a Portugal e a 1999. Em disquete, contém uma agenda de contactos relativos a diversos sectores das diferentes áreas artísticas.

*Linha Beatriz*. Este serviço, da responsabilidade da Cassefaz – espectáculos, vídeos e publicações culturais, Lda, tem como objectivo proporcionar o acesso a um conjunto de informações complementares ao conteúdo do Guia acima indicado. Telefone e fax n.º 01 3430746.

Revista *Arte Musical*. Inclui, na secção "Acontecimentos Musicais", textos dedicados a festivais de música.

## Legislação

Despacho Normativo n.º 121/92 de 14 de Julho. Aprova as normas reguladoras da "atribuição pelo Estado de um conjunto de incentivos financeiros à realização de programas de concertos destinados à divulgação da música erudita".

Despacho Normativo n.º 10/97 de 27 de Fevereiro. Publica o Regulamento de Apoios à Actividade Musical de Carácter Profissional e de Iniciativa não Governamental, no âmbito do qual é criado um concurso público, de realização anual, "para selecção dos festivais de música a apoiar pelo Estado".

Despacho Normativo n.º 61/98 de 1 de Setembro. Revê o Regulamento estabelecido no anterior Despacho, mantendo a modalidade do concurso público "para selecção dos festivais de música e ciclos de concertos a apoiar pelo Estado", de realização anual.

# FOLHA OBS

Publicação do OAC

Nº 1 Novembro 1999

R. Garrett, 80, 1º C, 2ªA, 2ºC

1200-204 Lisboa, Portugal

telef.: 21 321 98 60 / 79

fax 21 342 96 97

Responsável pela publicação:

Rui Telmo Gomes

Design gráfico:

Fátima Rolo Duarte

Pré-Impressão, impressão e acabamento

Arlindo Silva, Artes Gráficas, Lda.

Tiragem 1500 exemplares

## Outras publicações editadas pelo Observatório das Actividades Culturais

OBS, publicação periódica com 7 números editados

**Colecção OBS – Pesquisas**, de que foram editados os seguinte volumes:

### 1. 10 Anos de Mecenato Cultural em Portugal

Maria de Lourdes Lima dos Santos (coordenação), José Luís Casanova, Helena Carreiras, João Trocado da Mata, Nuno de Almeida Alves

### 2. Bibliotecas em Portugal. Elementos

para uma Avaliação

Eduardo de Freitas, com a colaboração de Isabel Pires

### 3. As Políticas Culturais em Portugal – Relatório Nacional

Maria de Lourdes Lima dos Santos (coordenação)

### 4. Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às

Galerias e Uma Carreira de Artista

Alexandre Melo

### 5. Os Profissionais do Disco. Um Estudo da Indústria

Fonográfica em Portugal

José Soares Neves

### 6. Impactos Culturais da

Expo'98

Maria de Lourdes Lima dos Santos e António Firmino da Costa (coordenação),

Rui Telmo Gomes,

Vanda Lourenço,

Teresa Duarte Martinho,

José Soares Neves,

Idalina Conde